

O REALISMO ANIMISTA E A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS MARIA DAS DORES E PONCIÁ VICÊNCIO

Tamires Maiara Santos Araújo (UNIMONTES)¹

Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

Resumo: A proposta deste texto é apresentar algumas proposições iniciais acerca da relação entre a personagem Maria das Dores, do romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da autora moçambicana Paulina Chiziane, e a personagem Ponciá Vicêncio, do romance que leva o mesmo nome, da escritora mineira Conceição Evaristo. Este estudo comparado pretende levar em conta a suposta presença do conceito de realismo animista, analisando como é acionado pelas respectivas personagens como uma forma de reencantar o mundo pós-colonial, a partir de um inconsciente animista.

Palavras-chave: Personagens negras; Realismo animista; Inconsciente.

Como o tronco do baobá, esse sujeito guarda as marcas de sua história, simultaneamente, africana e europeia, signo de inscrições múltiplas: o sujeito africano contemporâneo resulta da articulação e negociação das tradições culturais nativas, da civilização ocidental (REIS, 2011, p. 24).

Trabalho com apoio financeiro da CAPES

Introdução

A análise dos personagens Maria das Dores, do romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da autora moçambicana Paulina Chiziane, e a personagem Ponciá Vicêncio, do romance de 2013, que leva o mesmo nome, da escritora mineira Conceição Evaristo, perpassa uma questão analisada por Regina Delcastagnè (2005), em “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”.

Apesar de a autora tratar de textos escritos e publicados por autores brasileiros, essa pesquisa nos revela uma deficiência no que se refere à literatura produzida em nosso país. A partir de um *corpus* formado por 258 obras publicadas entre 1990 e 2004,

¹ Graduada em Letras (UFVJM), Mestranda em Estudos Literários (UNIMONTES). Contato: tamires_dtna@hotmail.com

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

a autora constatou que 93,9% dos autores são brancos, das 1.245 personagens mapeadas por ela, 62,1% são homens e apenas 37,8% são mulheres.

No que se refere à cor dos personagens, em 56,6% dos romances não há personagens não brancas; 79,8% das 1.245 personagens são brancas e apenas 7,9% são negras; só um livro é responsável por 20% desses personagens negros².

Essa pesquisa demonstra o problema de representação em obras literárias no que se refere a grupos tidos como minorias: mulheres e negros. Nesse sentido, olhar para essas autoras e seus escritos e, por consequência, suas personagens, é necessário em um cenário de ausência de representação efetiva desse grupo em específico.

O tema da representação tem ocupado um espaço relevante nos Estudos Pós-coloniais, já que existem pesquisas que tratam justamente da voz do subalterno que se vê entrelaçado por vários fatores que o impedem de se representar. No entanto, quando autores como Conceição Evaristo e Paulina Chiziane criam esses personagens, temos “o contar de uma história individual e [...] não podem deixar de, por fim envolver todo o árduo contar da própria coletividade” (JAMESON, *apud* BHABHA, 2005, p. 20).

Sendo assim, narrando suas experiências, essas mulheres narram uma coletividade, e pensar a construção de personagens negras a partir de textos literários africanos ou afrodescendentes, que podem ter o realismo animista como um dos processos, é uma forma de narrar essa coletividade. “Nas literaturas africanas a natureza dos acontecimentos está calcada nas crenças religiosas animistas, nos antepassados e em poderes que existem na natureza” (SARAIVA, 2007, p. 4).

Assim como o tronco do baobá, árvore típica de algumas regiões da África, que guarda uma história que se entrelaça a partir de várias matrizes do passado, que coexistem com o presente, as personagens Maria das Dores e Ponciá Vicêncio são frutos dessa presença histórica, já que cada uma, em sua trajetória, aciona sua ancestralidade baseando-se em manifestações animistas.

O animismo, como afirma Garuba (2012, p. 239), é uma consciência religiosa na qual, em contraste com as religiões monoteístas, não existe uma face localizada dos deuses e espíritos, que são vistos, na maioria das vezes, como “crença a objetos”, porém o que o animismo faz é incorporar e localizar em objetos ou elementos da natureza deuses e espíritos:

² Ver: DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

Os objetos, portanto, adquirem um significado espiritual e social dentro da cultura muito em excesso de suas propriedades naturais e de seu valor de uso. Os rios, por exemplo, não se tornam somente fontes naturais de água, mas também são valorizados por diversas outras razões. O anseio animista de reificação pode ter sido religioso em sua origem, mas os significados sociais e culturais que se associaram aos objetos frequentemente se distanciam de puramente religiosos e adquirem uma existência própria, como parte do processo geral de significação na sociedade. (GARUBA, 2012, p. 240).

Sendo assim, em um primeiro momento, temos observado que algumas obras fazem essa relação a partir de matrizes culturais do passado; as personagens aqui analisadas são exemplo de um processo de reencantar³ o mundo pós-colonial a partir do animismo.

Essas personagens que se constroem no encontro de culturas são, por sua vez, produto de uma relação entre o colonizador e as culturas locais, as quais se encontram atravessadas pelo que Garuba (2012, p. 242) aponta como sendo o inconsciente animista, o qual “é uma forma de subjetividade coletiva que estrutura o ser e a consciência em sociedades e culturas predominantemente animistas”.

Dessa maneira, destaca-se que Maria das Dores e Ponciá Vicêncio, ao serem envolvidas pelo inconsciente animista, lançam sobre a cultura afro-brasileira e moçambicana algumas marcas e rastros da tradição africana presente nesses países e, ao mesmo tempo em que narram a si mesmas narram a história do seu grupo.

Sabemos que, nesse contexto, a análise de *O alegre canto da perdiz* e de *Ponciá Vicêncio* poderá encaminhar à compreensão do realismo animista como um processo estético próprio de algumas obras literárias, que nascem no encontro de algumas culturas.

Ponciá Vicêncio: o realismo animista

O termo realismo animista foi inicialmente cunhado pelo escritor angolano Pepetela (2012), em *Lueji: o nascimento do império*, obra metalinguística, que traz a

³ Segundo Garuba (2012, p. 239), a expressão “reencantamento do mundo” recorda Max Weber, que, nas suas considerações sobre as mudanças nas atitudes e práticas ocasionadas pela racionalização cada vez mais secular do mundo, provocada pela modernidade e pela ascensão do capitalismo, muitas vezes recorreu à frase de Frederich Schiller: o “desencantamento do mundo”.

narrativa de duas personagens Lu e Lueji, uma no presente e outra no passado, as quais se referem à formação da nação angolana.

Durante um momento do texto, dois personagens estão conversando em um bar, próximo à companhia de dança, sobre o fracasso da peça ensaiada por Lu e Lueji no grupo de dança; é quando eles se atentam para uma ausência na representação guiada pelo olhar ocidental de um coreógrafo tcheco, a presença do elemento anímico. A encenação apenas será possível quando Lu utilizar seu amuleto.

Assim como no romance de Pepetela, as personagens as quais se pretende analisar sob a ótica do realismo animista, encontram-se atravessadas por questões que se referem a uma ausência de compreensão do outro em relação ao momento vivido por elas.

Ponciá Vicêncio narra a trajetória da protagonista Ponciá, desde a infância até a idade adulta. Essa personagem, que vivia na Vila Vicêncio, a qual dá origem ao seu sobrenome e de seus familiares, vai para cidade em busca de outra condição de vida. Ponciá possui uma relação importante com o Vô Vicêncio, homem que chorava e ria ao mesmo tempo, característica que seria reproduzida mais tarde por ela.

Esse avô é o fio condutor de várias revelações, e é também o ponto de partida para a análise do realismo animista para a construção da personagem Ponciá Vicêncio. Escravo liberto, deixará para a neta uma herança, a qual Ponciá passará a vida toda buscando. No romance há um mistério em relação ao que é essa herança. Sua família falava muito pouco sobre esse homem e o que ele tinha deixado para a personagem:

Sempre que falavam dele [do avô] (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela se parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar: diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio (EVARISTO, 2003, p. 29).

O quase não falar do Vô Vicêncio, o gosto pelo “olhar o vazio” que a neta herda do avô, sem tê-lo conhecido na vida adulta, já que quando ele realiza a grande passagem ela ainda era uma criança de colo, só pode ser pensado como algo atávico, já que não era possível, do ponto de vista da memória, a moça guardar tantas marcas do avô.

Outro índice dessa parecença é quando a menina faz uma estátua de barro de um homem baixinho, com um braço cotoco e para traz. Ao mostrá-lo para a mãe, essa tem vontade de gritar, mas guarda o objeto e mostra ao pai, quando esse chega da roça.

Quando Ponciá muda-se para a cidade grande, ela deixa o homenzinho de barro na casa dos seus pais, e é nesse momento que sua vida se transforma, pois “sentiu um peso no coração, uma tristeza funda, um mau presságio” (EVARISTO, 2003, p. 40). A relação como realismo animista se instaura nesse momento.

Observa-se que a ausência da estátua de barro do avô no decorrer da narrativa pode estar relacionada ao estado de “ausência” que a personagem sofrerá no decorrer do romance, interpretadas aqui como a interrupção da atuação do presente para que o passado se instaure.

Ponciá, nesse sentido, procura nas camadas de sua vivência averiguar “os vestígios do passado [que estão] nas diversas camadas do presente” (GAGNEBIN, 2012, p. 34), através de uma manifestação de cunho animista, já que a vida e o modo de agir da personagem estão condicionados aos desejos do avô que a neta compreenda sua ancestralidade, que se materializa na estátua de barro.

Quando retorna de trem para sua vila, imagem que corrobora a interpretação proposta para este texto de voltar ao passado, não de maneira nostálgica, Ponciá encontrará a estátua de barro e mais uma vez o passado se fará presente na casa totalmente vazia:

Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu cheiro de café fresco e broa de fubá [...] Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ela havia feito um dia [...] Ponciá acordou para o momento presente. Não havia fogo, não havia a brasa acesa [...] Olhou para a mesa de madeira e lá estava o homem-barro entre prantos e risos (EVARISTO, 2003, p. 57).

Esse evento é um exemplo da presença do realismo animista na construção dessa personagem, que compreende e reencena sua ancestralidade no presente. Os choros-risos do homem de barro são desencadeadores desse processo, já que sua presença aciona o passado e faz Ponciá, não apenas recordar tudo o que viveu naquele ambiente, mas viver uma cena sinestésica no presente, visto que quando percebe que não havia saído sequer do lugar e que não havia ninguém na casa, escuta apenas o choro-risos da imagem.

Como nos revela Sueli S. Saraiva (2007, p. 8), esse panorama se dá nas literaturas africanas, e para esta pesquisa, nas afrobrasileiras, “ao refletirem a presença viva do passado manifestado pelas tradições e religiões animistas, configura[ndo] um espaço

não-nostálgico; antes, um espaço artístico realista e refletor da realidade de um país”. As manifestações de cunho animista não pressupõem uma hesitação em relação à materialidade dos acontecimentos; no entanto, no encontro de culturas ela se fará presente, mas não impedirá que as ocorrências sejam compreendidas como tal.

No romance, esse embate entre culturas poderá ser percebido no momento em que Ponciá, ainda criança, começará a andar imitando o avô: “todos se assustavam, a mãe e a madrinha, só o pai aceitava, só ele não espantou ao ver o braço quase cotó da menina, só ele tomou como natural a aparência dela com o pai dele” (EVARISTO, 2003, p. 13).

A hesitação das outras pessoas e a aceitação do pai são indícios importantes para compreendermos como as manifestações animistas se organizam, já que a manifestação dos mortos através de objetos, seres da natureza, plantas, é algo natural, que se justifica pela realidade de algumas crenças africanas.

Maria das Dores e o realismo animista

A aproximação de *Ponciá Vicencio* e *O alegre canto da perdiz* se dá pela suposta presença do realismo animista, que é mais comum em textos africanos. Nesse sentido, a comparação se estabelece pelo confronto, já que como nos suscita Saraiva (2017, p. 1), quando cita Todorov, um gênero apenas se apresenta em confronto com outro que lhe é próximo.

Maria das Dores é a peça chave para esse embate, visto que é portadora também de uma ancestralidade que se aproxima da de Ponciá, porém de forma distinta, devido aos processos diferentes de colonização.

O romance de Paulina Chiziane narra a trajetória de Maria e sua busca pelos três filhos que perdeu há vinte anos em uma gruta, quando retornava para o ventre da humanidade: os Montes Namuli. Sua vida seria marcada pelo caminhar no mundo, como profetiza seu avô:

– Maria das Dores, bonitinha, como a tua mãe. O que trazes no punho fechado? Dores ou alegrias? [...] Parece até que o teu destino é segurar as presas. Serás tu uma feiticeira ou uma mineira esgaravatando a terra? Tens olhos grandes, espertos. Para quê? Para fugir do predador? Pé grande, pé de viajante! Até parece que o teu destino será caminhar pelos vales, pelas montanhas, pela terra inteira, para embalar as dores, oh, pequenina! Esta mãe louca um dia hipotecará a tua vida e te arrastará por caminhos de dor, ah, Maria das Dores! (CHIZIANE, 2008, p. 78).

Após fugir de Simba, homem para o qual Delfina, sua mãe, vende sua virgindade, em troca de alguns feitiços, Maria das Dores, que tinha a “doença da lua”, que é “oriunda das montanhas”, em cujas veias corriam o “sangue sagrado das pedras” (CHIZIANE, 2008, p. 14), parte para grande viagem chamada pelos espíritos.

A construção dessas personagens perpassa a compreensão de uma sociedade em que a materialidade das coisas está apoiada pela crença animista. Maria também vive, assim como Ponciá, uma busca pelo seu passado, e é apresentada no romance através do realismo animista.

Após perambular por anos, Maria das Dores encontrará dois dos seus filhos, porém esse encontro será guiado pela ótica animista; ao chegar à casa de Benedito e Fernando, quase por uma acaso, ela verá um crucifixo pregado na parede da sala, o Cristo era negro. Em transe, a personagem conversa com a imagem de barro e toda a verdade será revelada:

Tudo aquilo destoava com tudo o que aprendera. [...] Maria volta a olhar para o Cristo de barro que agora pisca os olhos enquanto os lábios tremem e se abrem como uma concha antiga soltando dentes luminosos. Fala.

– Olá, Maria!

Ouve-se um crack na parede. O Cristo de barro dissolve os pregos que o prendem à cruz, que afinal são também de barro. Desce e poisa os pés no solo. Faz umas flexões para activar a circulação nos membros, como quem acaba de despertar de um sono de dois mil anos. Sacode a poeira dos ombros e caminha ao encontro de Maria. – Diz-me tudo sobre ti, Maria – pede o homem de barro.

– Sou eu, a Maria das Dores, a louca. Aquela que saiu em busca de amor e perdeu todo o seu tesouro. Aquela que tudo quis e nada tem [...].

– Ah, Maria.

– Por que me abandonaste, meu pai? Por que não me levaste contigo para o teu reino de barro?

– Ah, Maria, diz-me o que te faz sofrer que hoje te darei a resposta [...].

Maria abre as comportas da alma e endereça o desejo num grito pavoroso:

– Quero o meu Benedito, o meu Fernando e a minha Rosinha, meus bebês de verdade.

– Onde estão?

– Perdi-os na gruta do monte. Há muito tempo. Foram levados por uma freira.

– Conta-me tudo, Maria.

Ela conta. [...] O Cristo bantu ergue Maria no ar e pronuncia encantamentos. Ela fecha os olhos e saboreia o momento. O Cristo negro solta uma lágrima e um sorriso.

– O teu desejo será respondido, Maria, liberta-te, voa, busca os teus pertences no espaço, regressa à terra que eu te darei a resposta (CHIZIANE, 2008, p. 155-156).

Todo o mistério que envolvia a vida e o caminhar incompreendido de Maria foi revelado aos seus filhos. Assim como em Ponciá Vicêncio, é uma imagem de barro que liga e interrompe a atuação do presente para que o passado surja e mostre um tempo de perdas e sofrimentos.

Esse elemento que é constituído de dois outros, terra e água, nos revela a atuação do passado no presente, já que a terra é análoga do presente que pode ser trabalhado e modificado e água é aquela que está para o passado que não pode ser modificado da mesma maneira que a terra.

Considerações finais

Observamos que na construção das personagens Maria das Dores e Ponciá Vicêncio perpassa a questão do realismo animista de maneira que essas são guiadas por algo que é próprio de uma forma de reencantar o mundo nas culturas de tradição animista.

Esse reencantamento do mundo se apoia na necessidade de criar outro discurso, diferente do hegemônico e próprio das sociedades que se transformaram no encontro de culturas. Nesse sentido, temos a incorporação de matrizes ancestrais a camadas do presente, as quais possibilitam uma outra narrativa. Esta pesquisa está ainda em sua fase inicial e precisa ser aprofundada para que outras possibilidades interpretativas sobre o realismo e o inconsciente animista sejam retiradas do *status* de apenas crença em objetos, já que “o que está claro é que o animismo subverte a autoridade da ciência Ocidental, reinscrevendo a autoridade da magia nos interstícios do racional/secular/moderno” (GARUBA, 2012, p. 243).

Sendo assim, tal como o baobá que guarda a memória ancestral e a mantém presente, as literaturas africana e afro-brasileira são uma forma de subverter essa realidade Ocidental, criando um espaço para o entrediscurso.

Referências

BHABHA, Homi K. Disseminação O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. *O local da Cultura*. Trad. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 227-275.

CHIZIANE, PAULINA. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

DELCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>> Acesso em: 15 jul 2018.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Trad. Elisângela da Silva. *Nonada: Letras em Revista*. Porto Alegre, vol. 2, nº 19, p. 235-256, oct., 2012.

GAGNEBIN, Jeanne M. Apagar os rastros, recolher os restos. In: GINZBURG, Jaime; SDLMAYER, Sabrina (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 27-38

PEPETELA. *Lueji: o nascimento de um Império*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

REIS, Eliana Lourenço de L. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2011.

SARAIVA, Sueli S. *O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa*. Encontro Regional da ABRALIC 2007. Literaturas, Artes, Saberes. São Paulo, 2007.

VARGAS, Débora J. Rodrigues. *Animismo e Realismo Animista*. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos.../179.pdf> Acesso em: 15/06/2018.